

COMPRADAS NO PAÍS 24 MIL TONELADAS

♦ Registrado um crescimento de 21 por cento em relação a 1987/1988

por Boaventura Mandlate, (colaboração)

A cerca de um mês do fim da campanha nacional de comercialização do algodão 1988/89, marcada para princípios de Dezembro próximo, já foram compradas 24 mil toneladas, o equivalente a oito mil toneladas de algodão fibra. O índice até agora conseguido representa um crescimento na ordem de cerca de 21 por cento em relação à campanha anterior, na qual foram comercializadas somente 19 mil toneladas daquele produto. Até ao fim da campanha espera-se que a quantidade comercializada seja superior à da campanha 1987/88, em que foram compradas 28 mil toneladas de algodão, mas existe cepticismo no tocante ao cumprimento da meta fixada em 30 mil toneladas, de acordo com informações reveladas pelo Secretário de Estado do Algodão, João Castigo Chivite.

Segundo o nosso interlocutor, a presente campanha conheceu dificuldades originadas pela sabotagem perpetrada pelos bandidos armados para a comercialização, bem como a praga de ratos que afectou a produção particularmente na província de Nampula.

Este conjunto de dificuldades provocou um relativo atraso no início da campanha, razão pela qual a comercialização do algodão esteja quase na fase final nas duas principais províncias produtoras, nomeadamente Nampula e Cabo Delgado, «mas é evidente que a situação foi resolvida e neste momento os trabalhos estão a decorrer normalmente», disse o Secretário de Estado do Algodão.

A acção dos bandidos armados originou grandes movimentações dos camponeses, obrigando-os a fazer colheitas desordenadas. Situações houve em que camponeses nem conseguiram sequer colher algodão em todas as suas machambas.

Por outro lado, o banditismo armado fez grandes destruições a nível mensal de secadores, o que não aconteceu nos anos anteriores. Os exemplos mais flagrantes desta situação registaram-se nas regiões de Balama e Namuno, em Cabo Delgado, onde muitos camponeses perderam a sua produção já na fase final.

Actualmente o sector do algodão estará a fazer um levantamento das quantidades destruídas. «Claro que é pouco difícil porque o algodão se ardeu no secador, é lógico que estava a granel sendo custoso estimar os prejuízos causados, mas pensamos que essas destruições devem ser na ordem dos 10 por cento daquilo que poderia ter sido esta campanha», referiu João Chivite.

Falando sobre a praga de ratos, a fonte indicou que provocou prejuízos, quer no sector familiar, quer no estatal calculados em mais de 20 por cento. «Na província de Nampula tivemos alguns problemas que há muitos anos desconhecíamos, originados

pela praga de ratos que prejudicou muito a produção. Em todos os campos só se vê fibra pendurada nas plantas; dá a impressão que não foi colhida, mas essa mesma fibra não tem semente absolutamente nenhuma porque foi atacada pelos ratos», elucidou.

PRE-ESTIMULA COMERCIALIZAÇÃO E RELANÇAMENTO DA PRODUÇÃO

Segundo o nosso entrevistado, a pior campanha de comercialização do algodão nos últimos cinco anos aconteceu no período 1984/85, na qual se atingiu um índice global de cinco mil toneladas. Na campanha seguinte (1985/86) comprou-se um pouco mais do dobro da anterior, ao conseguir-se 11 mil toneladas.

No período de 1986/87, alcançou-se o melhor índice nos últimos cinco anos com a compra de 28 mil toneladas, tendo na campanha seguinte se registado um decréscimo para 19 mil e na presente uma subida para 24 mil toneladas, quando ainda falta cerca de um mês do seu término.

Para este crescimento contribuiu o Programa de Reabilitação Económica, que permitiu a introdução de incentivos, quer monetários, quer de bens de consumo, instrumentos agrícolas e utensílios domésticos no processo da comercialização.

Por outro lado, em algumas províncias onde a cultura do algodão havia sido abandonada pelos camponeses está a ser relançada gradualmente.

«Toda a gente produz e gosta de algodão, muito embora não seja uma cultura alimentar todas as famílias querem fazer esta cultura em todas as províncias, uma vez que a política de preços está, nos últimos anos, a estimular. É evidente que a cultura do algodão é das mais difíceis, comparativamente com as outras e com os preços que nos outros anos vinham sendo praticados, não era fácil conseguirmos fazer o seu relançamento; observou João Chivite.

A título elucidativo, apontou que quase todos os pequenos agricultores com áreas entre cinco e trinta hectares têm aderido à produção do

algodão, havendo pedido de terras para a prática desta cultura.

PRODUÇÃO É INSUFICIENTE PARA A INDÚSTRIA NACIONAL

O Secretário de Estado do Algodão considera boa a contribuição a ser dada este ano pelo algodão produzido no país para o abastecimento da indústria nacional, cujas necessidades se situam entre 8 e 10 mil toneladas para o seu pleno funcionamento.

«Mas eu gostaria de informar que em relação à indústria nacional mesmo que tivéssemos que entregar toda a produção deste ano haveria uma pequena desvantagem, na medida em que essas oito mil toneladas de algodão fibra têm diferentes tipos, desde o extra ao tipo 6.

João Chivite elucidou que a indústria nacional só utiliza basicamente aquilo que se designa por «ramas altas», ou seja todas as fibras desde o tipo extra ao tipo 4, e não consome

as «ramas baixas». Por outro lado, serão feitas exportações na ordem de 30 a 40 por cento para a angariação de divisas para o sector.

A nossa fonte acrescentou que se está à procura de financiamentos para a reabilitação da maior parte das fábricas de processamento do algodão, dado o estado quase obsoleto em que se encontram. «Embora elas tenham vindo a funcionar bem, em alguns casos, necessitam de uma revisão geral, que compreende a substituição de algumas componentes» afirmou.

Nas fábricas sob controlo do Estado foi introduzido um sistema de electrificação, o que também não contribui para a exploração integral das capacidades instaladas, uma vez que o sistema visava apenas a utilização de energia produzida em centrais, ao invés da instalação de geradores cujo estado obsoleto actualmente provoca paralisações constantes.

O trabalho em curso conducente à reabilitação das unidades fabris consiste na identificação das necessidades, com vista a apurar o montante indispensável para a execução do projecto, incluindo a recuperação dos geradores. O levantamento é feito por técnicos moçambicanos e pelas empresas estrangeiras que estiveram envolvidas na montagem das fábricas.



Aspecto da colheita de algodão na empresa LOMACO em Chókwe